



XXXI Congresso de
Iniciação Científica
Unicamp

UNICAMP



A sexualização de mulheres descendentes de japoneses estudantes da Universidade Estadual de Campinas entre 18 e 24 anos

Palavras-Chave: GÊNERO - 1, SEXUALIDADE - 2, PROCESSOS DE RACIALIZAÇÃO - 3

Autoras:

JANAINA ELIANE LAGINI, IFCH - UNICAMP

Profa. Dra. ISADORA LINS FRANÇA (orientadora), IFCH - UNICAMP

Dr. Bernardo Fonseca Machado (co-orientador), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A sexualização de mulheres descendentes de japoneses estudantes da Universidade Estadual de Campinas entre 18 e 24 anos trata-se de uma pesquisa antropológica sobre o processo interseccional de sexualização e racialização, por se tratar de pessoas que sofrem pelas questões de gênero e pelas questões raciais.

Os japoneses vieram para o Brasil com uma promessa de ter uma vida melhor, sendo que os primeiros imigrantes eram vistos pelos brasileiros como mais civilizados do que os negros e os indígenas, por trazerem pertences de higiene que eram tidos como caros. Mas, com o passar do tempo e o posicionamento do Japão diante da Segunda Guerra Mundial, o Brasil se tornou hostil para os imigrantes japoneses, que representavam o “perigo amarelo”, havendo leis que proibiam o uso da língua nativa, por causa da política hegemônica de Vargas, além disso, pairava entre os brasileiros o medo de que o Japão quisesse colonizar o país e que havia espiões colaborando com o Eixo, desse modo o governo expulsou cerca

de 1.500 japoneses de Santos, fazendo com que esses fossem para o interior do estado (SHIMABUKO, 2018).

Ao término da Segunda Guerra e a rendição do Japão, a hostilidade contra os japoneses diminuiu, voltando com a visão de uma boa mão de obra para substituir os negros e os indígenas, principalmente porque “a onda de soft power do Cool Japan, que começa na década de 1960, resultam no resgate da imagem do japonês como povo dócil, trabalhador e desejável (em diversos sentidos)” (SHIMABUKO, 2018). Os japoneses e seus descendentes passaram a representar também o papel da minoria modelo; segundo Juliana Sayuri (2017) a minoria modelo representa “uma minoria étnica louvável, economicamente ativa, politicamente inofensiva – e *não-negra*”. Robin Zheng (2016) contribui para a questão da minoria modelo, para ela, as mulheres asiáticas são vistas como minoria sexual modelo, que une o sex appeal (apelo sexual) e valores centrados na família e trabalho ético árduo. Segundo Bell Hooks (1992), o contato sexual inter-racial iniciado pelo homem branco, tem-se como uma nostalgia imperialista, já que ele vê o corpo racializado como um instrumento, um meio onde pode-se reafirmar a dominação da raça, gênero e práticas sexuais.

As mulheres não brancas são vítimas tanto da colonialidade de poder, quanto da colonialidade de gênero (LUGONES, 2008), sendo que as asiáticas são hiper feminina , vistas como passivas, quietas, excessivamente submissas, obedientes, sexualmente exóticas e disponíveis para os homens brancos (JOHNSON; PYKE, 2003). As pesquisadoras Denise Johnson e Karen Pyke (2003), em contexto estadunidense, chamam esse tipo de visão das mulheres asiáticas de Lotus Blossom (Flor de Lótus), segundo elas, esse estereótipo dificulta que essas mulheres sejam vistas de outras formas. Tal estereótipo é perpetuado, conforme Tamilyn Ishida (2019) pela mídia ocidental, limitando a representação das mulheres asiáticas como dependentes dos homens. Segundo Ishida (2019), “é notável a correlação entre o desejo da dominação ocidental sobre a Ásia e a dominação sexual sobre mulheres asiáticas ao apresentá-las como ‘objeto para o consumo e satisfação dos desejos ocidentais’”.

Para a filósofa Robin Zheng (2016), é muito comum as pessoas defenderem o fetiche racial justificando que é apenas uma preferência, como se preferência por traços raciais sexualizados (como o estereótipo do olho asiático) não fosse diferente da preferência por traços raciais não sexualizados (como cabelo loiro), portanto preferências por traços fenotípicos não é objetificação. Contudo, Zheng argumenta que, por exemplo, mulheres loiras e morenas não sofreram historicamente por exploração, colonização, escravidão, perseguição e exclusão por causa de seus fenótipos. Para a filósofa, uma consequência direta do efeito do yellow fever (fetiche por amarelos) e do fetiche racial é que eles reforçam a estrutura social racializada, assim como sites de relacionamento online que

também filtra por raça, por exemplo, as categorias raciais de pornografia (ZHENG, 2016). Portanto o fetiche racial é problemático por ser atrelado às questões históricas e sociais, que apenas objetificam tanto essas pessoas que até se tornaram categorias sexuais.

METODOLOGIA:

Primeiramente, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética para poder realizar as entrevistas semiestruturadas propostas. Dez entrevistas foram feitas com mulheres descendentes de japoneses de diversos cursos da Universidade Estadual de Campinas, todas as entrevistas foram anônimas a fim de permitir a segurança e o conforto das entrevistadas, sendo que cada mulher foi indicada por uma entrevistada, realizando o método bola de neve. As entrevistas foram realizadas via google meet e gravadas para posteriormente serem analisadas pela pesquisadora, lembrando que apenas a pesquisadora e a orientadora têm acesso à pasta das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dez entrevistas foram realizadas, e diversos níveis de sexualização foram possíveis de serem analisados, porém duas são de suma importância para iniciar um debate sobre como esse grupo social está vulnerável em relação à tipos de violência de gênero e racial. O primeiro caso foi de uma mulher da área da educação que, para não ser identificada o seu codinome será P23, ela contou que durante a sua vida inteira sofreu muito com a questão de sexualização por ser japonesa, e ela relatou veementemente que na maioria esmagadora dos casos, foram homens brancos e fãs da cultura nerd e asiática, essa descrição foi a mesma com a maioria das mulheres entrevistadas; outro caso aconteceu com a mulher de codinome A19, estudante de engenharia que chegou a ser perseguida até a sua casa por um colega da engenharia que se encaixa na descrição que P23 fez, A19 precisou mudar a sua rota diversas vezes para ir para casa e necessitou de carona de colegas que se compareceram da situação, a entrevistada ainda conta que esse homem continua indo atrás de mulheres amarelas no campus da UNICAMP. A19 só se sente segura atualmente por morar junto com o namorado, que também é descendente de japonês, uma característica que a tranquiliza por saber que ele não a sexualiza, A19 não foi a única que falou que se relacionar com pessoas amarelas a deixa confortável por não ficar se questionando se ela é apenas um fetiche.

CONCLUSÕES

As entrevistas foram um meio de validar a teoria proposta, que a questão racial está junto com a sexual, ao observar que a maioria dos casos que as entrevistadas relataram eram de homens brancos que tinham uma “preferência” por mulheres asiáticas. A sexualização das mulheres descendentes de japoneses é instigada, segundo elas mesmas, por meio da mídia, sendo ela a pornografia, k-pop e anime, que limitam os asiáticos a um esteriótipo único. O campus da Universidade Estadual de Campinas, para várias entrevistadas, é considerado um ambiente acolhedor e seguro por ser visto como uma bolha intelectual, principalmente por haver o coletivo amarelo ANURA que ajuda na questão identitária. mas, mesmo assim, relatos fortes como o da estudante A19 podem ocorrer.

BIBLIOGRAFIA

HOOKS, Bell. **Olhares negros**. [S. l.: s. n.], 1992.

ISHIDA, Tamilyn Tiemi Massuda. Fetichização da mulher leste asiática e de suas dispersões transnacionais: o papel do design em sua conscientização e resistência. Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística, [S. l.], p. 53-68, jun. 2019. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/index.php/vol-8-no-4-ano-2019/>.

Acesso em: 15 dez. 2022.

LUGONES, Maria. Colonialidad y género. Tabula Rasa, [S. l.], p. 73-101, 1 jul. 2008. Disponível em: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1501>.

Acesso em: 17 nov. 2022.

PYKE , Karen D.; JOHNSON, Denise L. ASIAN AMERICAN WOMEN AND RACIALIZED FEMININITIES “Doing” Gender across Cultural Worlds. GENDER & SOCIETY, [S. l.], p. 33-53, fev. 2003. DOI 10.1177/0891243202238977. Disponível em: <https://www.scinapse.io/papers/2138764571>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SAYURI, Juliana. O mito da minoria modelo. VICE, [S. l.], p. 1-8, 7 fev. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/787gka/o-mito-da-minoria-modelo>. Acesso em: 2 jan. 2023.

SHIMABUKO, Gabriela Akemi. Para além da fábula das três raças: uma introdução à percepção racial do amarelo e do japonês no Brasil, [S. l.]. jun. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37653157/Para_al%C3%A9m_da_f%C3%A1bula_das_tr%C3%AAs_ra%C3%A7as_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_percep%C3%A7%C3%A3o_racial_do_amarelo_e_do_japon%C3%AAs_no_Brasil. Acesso em: 5 jan. 2023.

ZHENG, Robin. Why Yellow Fever Isn't Flattering: A Case Against Racial Fetishes. *Journal of the American Philosophical Association*, [S. l.], p. 400-419, 3 out. 2016. DOI <https://doi.org/10.1017/apa.2016.25>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-american-philosophical-association/article/why-yellow-fever-isnt-flattering-a-case-against-racial-fetishes/96D2F19F052E8A2625968037BE756FEA>. Acesso em: 19 jan. 2023.